

## UM ANO INTERESSANTE

**\* Roberto Rodrigues**

Este é um ano emblemático para o agronegócio brasileiro. Muitos temas importantes estão sendo tratados, e, dependendo do seu desdobramento, o futuro do setor será redesenhado.

O primeiro deles, evidentemente, é o eleitoral. Nenhum dos candidatos à Presidência da República é ligado à atividade rural ou a conhece bem. Isto é um ponto interessante: quando um assunto é desconhecido para um governante, existe a oportunidade de mostrá-lo em sua verdadeira grandeza, oferecendo ao governo, especialmente quando recém empossado, um programa de trabalho consistente e positivo, sobretudo no interesse de toda a sociedade brasileira. Devemos aproveitar esta chance. Para isso, as entidades do setor já estão trabalhando de forma articulada para propor um conjunto de políticas aos candidatos. A idéia é levar este programa às suas assessorias, discuti-lo com elas e a partir daí ouvi-los, sobre o que entenderam e, principalmente, ouvi-los sobre compromissos que assumirão com o programa. Com esta manifestação, o setor estará orientado sobre qual candidato deve escolher. E não apenas para a presidência, mas também para os governos estaduais e para os 3 níveis parlamentares: Senado, Câmara Federal e Assembléias Legislativas.

Os estudos em andamento deverão focar em 5 ou 6 temas: uma política de renda (que incorpore seguro social, crédito rural, taxas de juros, taxa de câmbio, tributação, novos papéis para comercialização, etc), uma política comercial (acordo multilateral - Doha -, acordos bilaterais, promoção comercial, acordos em defesa sanitária, etc), uma política tecnológica (recursos materiais e humanos, criação de EPes), um forte programa de investimentos em logística e infraestrutura e, finalmente, a questão institucional, que vai desde a reorganização dos órgãos de governo que tratam do setor até à segurança jurídica, aí fortalecido o direito de propriedade e o respeito aos contratos do setor.

O segundo tema é comunicação. Depois de muitas tentativas frustradas, finalmente o agronegócio se deu conta que, numa democracia, as políticas públicas só são implementadas se a maioria da sociedade as apoiar. Portanto, mostrar à nossa sociedade urbana a importância do agro (seja no PIB, seja na geração de empregos, seja nas exportações), e do seu agente (o produtor rural) é um meio de obter o respeito dessa parcela importante da nossa população, para com os construtores da renda do país, base para o desenvolvimento da indústria, dos serviços e do comércio. Está em andamento um projeto de comunicação neste sentido, organizado pelo conjunto das entidades de representação, sem liderança de nenhuma, despersonalizado: é um movimento de esclarecimento e informação, sem dono.

O terceiro tema está ligado às discussões que hoje se processam no Parlamento brasileiro a respeito da questão ambiental, onde se destaca o Código Florestal, com as desavenças desnecessárias entre ruralistas e ambientalistas. O clima eleitoral leva à radicalização em torno da matéria, quando seria tão fácil encontrar caminhos de acordo, se com equilíbrio e

inteligência ela fosse tratada. O produtor rural, mesmo sem saber, é um preservador dos recursos naturais por uma razão óbvia: se não o fizer, acabará perdendo seu patrimônio. Por isso, não é difícil o entendimento, ou não seria, se se buscasse de fato o entendimento, e não o confronto, às vezes inexplicável.

Aliás, estes projetos em andamento no Congresso Nacional correm o risco de não serem votados este ano exatamente por causa das eleições: temas polêmicos tendem a ficar sem solução, porque ninguém quer correr riscos eleitorais. É o caso da redução da jornada de trabalho, é o caso dos índices de produtividade, entre outros polêmicos.

Um quarto e último tema esta surgindo mais recentemente, e tem a ver com a posição global do Brasil: buscar para o país a Diretoria Geral da FAO. Esta é a instituição que cuida da alimentação e agricultura para as Nações Unidas, e tem a responsabilidade de garantir a segurança alimentar do planeta, acabando com a fome e melhorando a qualidade de vida das pessoas. E não vem conseguindo cumprir esta missão. Ao contrário: nos últimos 10 anos o número de famintos no mundo aumentou de 800 milhões para 1 bilhão. Está na hora da FAO ser dirigida por um país que entenda do ramo. O Brasil tem dado lições seguidas disso, seja no espetacular aumento de produtividade agrícola e pecuária, seja nos programas sociais de apoio à segurança alimentar. Podemos replicar isso em todos os países tropicais, mudando a geopolítica global com nossa experiência em agroenergia, reduzindo inclusive o aquecimento global.

A eleição para a FAO é no ano que vem, mas os entendimentos começam em 2010. Temos gente jovem super capaz de substituir o atual DG, o senegalês Jacques Diouf que está lá 17 anos, sucedendo o libanês Edouard Saouma que ficou 18 anos. Depois de 36 anos de Ásia e África, a América Latina deve cuidar do que entende, e servir ao mundo todo.

Enfim, estamos no meio de um ano agitado e interessante. Vale a pena estar atento e participar ativamente de todos estes temas.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**